

FOTOS DE FAMÍLIA: A CONSTRUÇÃO DA AUTO-IMAGEM EM DIFERENTES GRUPOS SOCIAIS NA REGIÃO DE CAMPINAS

*Juliana Closel Miraldi**

RESUMO: Esta pesquisa investigou, numa perspectiva comparativa, a construção da auto-imagem em diferentes grupos sociais, procurando entender como as percepções, de si mesmo e dos outros, se configuram em ferramentas para a elaboração de fronteiras sociais que orientam a dinâmica das interações entre estes grupos, pautadas por diferenças e similitudes, mas, sobretudo, por relações de interdependência. Para tanto, a pesquisa selecionou cinco famílias, moradoras do distrito de Barão Geraldo – Campinas, SP – há pelo menos três gerações. À partir, sobretudo, da leitura visual procurou-se compreender como os registros fotográficos – aqui entendidos como um sociograma – revelam uma determinada maneira de apreender o mundo, de produzir e reproduzir ações e pensamentos diante da vida e de outros sujeitos sociais. Foi possível concluir que (i) os diferentes usos sociais e significados dados à fotografia em cada família são reveladores dos papéis e posições sociais que elas ocupam, bem como dos laços sociais que estabelecem e que (ii) o surgimento da câmera digital e a superprodução de imagens e a sua distribuição em sites de relacionamento contribuiu para que estas famílias passassem por uma reelaboração da sua auto-imagem, que aponta para uma nova maneira de se relacionar com o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia de família; auto-imagem; fronteiras sociais.

ABSTRACT: This research investigated with a comparative view the construction of auto-image in different social groups, to understand how the perceptions about themselves and the others which it guide the dynamical of interactions inter-groups, on their differences and similitudes, but specially about the relations of interdependence.

* Juliana Closel Miraldi é bacharel em sociologia pela Universidade Estadual de Campinas.

Five families who live in Barão Geraldo – Campinas, SP were selected. about three generations. From the visual reading, we sought to understand how the photographic registers – here understood like sociogram – show us certain way to apprehending the world, of produce and to reproduce actions and thoughts before the life and the others social subjects. It was possible to conclude that (i) the differents social uses and meanings concerning to photographs in each families reveal the roles and social positions they occupy and the social ties they establish, (ii) the emergence of digital camera and the superproduction of images with yours distributions in relationship's websites contributed to rework the self-images of families, this points to a new way to relationship with the world.

KEYWORDS: Family Photo; self-image; social borders.

*... como vamos crescendo e crescendo, aqui eu, ali o Jorsch, umas vezes de cabelos curtos, outra com eles compridos, nesta foto fazendo caretas...ou eu, aborrecido, a dar espetáculo.
Nesta daqui a Lara acaricia seu porquinho-da-índia...
E ali o Tadel, a andar ociosamente diante da casa, com os atracadores desapertados...
Ou aqui a Lena com um olhar triste.
Aposto que há disto em cada um dos álbuns fotográficos que existem em quase todas as famílias. São imagens registradas num dado momento, nada mais.*

Grass, Günter. "A Caixa". 1999

Neste artigo pretendemos explorar, por um lado, como cada um dos grupos sociais analisados constrói sua "auto-imagem", ou seja, como eles vêem a si mesmo e aos outros, e por outro, a maneira pela qual estes grupos, ao longo de suas vidas, posicionam-se e incorporam o espaço social produzindo efeitos de construção, redefinição ou transgressão nas fronteiras materiais e simbólicas que os separam. Para tanto, debruçamo-nos sobre o registro de práticas cotidianas, mais especificamente a gestão da memória por meio do estudo dos usos e funções da fotografia nos grupos familiares selecionados. Trata-se do estudo de um objeto visual que potencialmente transcodifica as leituras simbólicas que os agentes sociais¹ fazem "de si" e "dos outros", revelando uma determinada maneira de apreender o mundo,

de produzir e reproduzir ações e posições diante da vida e dos outros sujeitos sociais.

Sendo assim, a maneira pela qual os agentes significam o mundo e atribuem valor a ele não tem absolutamente nada de natural, ou seja, o mundo em que vivemos não é evidente – apesar de parecer –, mas é o resultado momentâneo de lutas simbólicas entre os agentes sociais que disputam a capacidade de impor legitimamente a sua visão de mundo (Bourdieu, 1996). No entanto, o processo pelo qual estes agentes constroem sua visão de mundo está sujeito a coações estruturais, ou seja, depende dos recursos simbólicos e econômicos acumulados e classificados ao longo do tempo por seu grupo social:

Os agentes se auto-classificam, eles mesmos se expõem à classificação ao escolherem, em conformidade com seus gostos, diferentes atributos, roupas, alimentos, bebidas, esportes, amigos, que combinam entre si e combinam com eles, ou, mais exatamente que convém à sua posição. (...) Isso faz com que nada classifique mais uma pessoa do que suas próprias classificações (Bourdieu, 2000, 159).

Através deste mecanismo, destes elementos classificatórios, é possível que diferentes grupos sociais reconheçam, no espaço social, tanto aqueles sujeitos que consideram iguais, estabelecendo pontes, quanto aqueles que consideram diferentes, construindo fronteiras. Esses processos de atribuição de valor e de mútua classificação, Norbert Elias chama de “dinâmica da estigmatização”. Tal qual Bourdieu, Elias compreende que cada sujeito social carrega consigo “a marca de uma sociedade específica e de uma classe específica” pela maneira

¹ Optamos aqui por utilizar o conceito de agente no lugar de indivíduo, pois o primeiro, em conformidade com a teoria bourdieusiana, carrega a idéia de portador (Träger), ou seja, o conceito de agente social, sobretudo no campo da sociologia, é fundamental para compreendermos o homem como imerso, produto e produtor, do lugar ao qual ele pertence no mundo, como portador efetivo da sua origem social, dos seus processos educacionais, da sua história pessoal e coletiva.

que pensa, percebe e se apresenta no mundo, ou seja, pela construção que faz da sua “auto-imagem” e pela posição que assume no mundo.

Daí a relevância da fotografia, amadora e familiar, dentro de uma análise sociológica: uma ferramenta que traduz visualmente as concepções que um determinado grupo faz de si mesmo e do mundo. Uma fotografia revela sempre mais do que a imagem que ela permite imprimir no papel, trata-se, assim, de entendê-la como um ritual de integração social, tomando-a como fragmentos de mundo, testemunho do poder inexorável do tempo, mas acima de tudo uma maneira de ver e de pensar. Construir um álbum de fotografias supõe selecionar o que efetivamente deseja-se lembrar.

La photographie est une technique délibérée de choix et de classification volontaire du passé. (...) Toute existence n'est pas digne de recevoir la consécration photographique et derrière chaque photographie on doit pouvoir retrouver un jugement d'importance, décision d'un individu, et à travers elle, indice des valeurs que le groupe légitime. (...) A [sic] la limite, on pourrait dire qu'une photographie n'a aucune signification, ou en tout cas, en a plusieurs indéterminées, en dehors du contexte, du cadrage, de la légende, etc. bref, de tous les moyens de « fixer » non seulement la trace d'un événement sur la pellicule, mais son sens pour le spectateur. La lecture d'une photographie est donc toujours la perception d'une intention consciente, même si elle n'est pas toujours consciemment soupçonnée² (Bourdieu, 1965, p.294)

Observamos, contudo, que a fotografia de família não exerce uma função única, mas depende, exclusivamente, da função que cada grupo familiar

² “A fotografia é uma técnica deliberada de escolha e de classificação voluntária do passado. (...) Nem toda a existência é digna de receber a consagração fotográfica e atrás de cada fotografia nós devemos poder encontrar um julgamento de importância, decisão de um indivíduo, e através dela, índices de valores que o grupo legitima. (...) No limite, nós podemos dizer que uma fotografia não tem nenhuma significação, ou em todo caso, que ela tem muitas indeterminadas, de fora do contexto, do enquadramento, da legenda, etc., em suma, existem tantos meios de

confere a ela, das experiências que os sujeitos envolvidos tiveram (e tem), da construção que fizeram (e fazem) da sua história pessoal e coletiva. Por isso, este artigo parte de uma pesquisa investigativa/comparativa que caminha em duas direções concomitantes: procura, por um lado, um olhar geracional com a intenção compreender como cada uma das três gerações estudadas, de um mesmo núcleo familiar, elabora seu repertório de representação fotográfico e, por outro lado, um olhar que caminha por diferentes grupos sociais, cinco no total, que procura notar as similitudes e diferenças nos usos e funções da fotografia e como estas articulam-se (muitas vezes de maneira narrativa) com o espaço social a que estes grupos pertencem. O objetivo é perceber as fotografias de família como um sociograma, submetidas à regras sociais, no qual se engajam funções sociais num mecanismo que elabora um “dar-se-a-ver”, um “tornar-se visível” (ao mesmo tempo que elabora também um “não-dar-se-a-ver”, um “ocultar”); tal mecanismo tem a propriedade de dizer, a quem olha as fotos, quem são aqueles que estão dentro e fora do grupo social, (por uma relação de presença e ausência na imagem fotografada) tornando visíveis as histórias, os valores e as relações sociais, ou ainda a posição que cada agente ocupa dentro deste mesmo grupo.

Antes de adentrarmos na análise fotográfica de cada família cabe, evidentemente, discorrer sobre os cinco grupos sociais analisados, selecionados por uma pesquisa que levou em conta aspectos históricos e econômicos da região de Barão Geraldo, a qual passou de uma economia cafeeira para um campo social mais amplo e diversificado num quadro social que hoje comporta trabalhadores rurais, prestadores de serviços, comerciantes, intelectuais, pesquisadores e proprietários de terra. Esta mudança na economia local deu-se, num primeiro momento, pela crise de 1929, cuja maior parte dos cafeicultores, sobretudo do Oeste paulista, sucumbiram devido à queda da agro-exportação brasileira e, num segundo momento, à mudança do quadro econômico advinda da fundação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em 1966, responsável, em grande parte, pela consolidação de um

“fixar” não apenas o traço de um evento sobre a película, mas seu senso para o espectador. A leitura de uma fotografia é então sempre a percepção de uma intenção consciente, mesmo se ela não é sempre conscientemente presumida” (Bourdieu, 1965: 294, Trad. nossa).

mercado local e pela atração tanto de mão-de-obra altamente qualificada quanto de mão-de-obra pouco qualificada, representada aqui pelos grupos populares.

Os grupos selecionados inscrevem-se na história econômica da região baronense (Ribeiro, 2003), e, dentre estes, dois dos grupos familiares analisados são de baixa renda e com pouca escolarização, sendo que um – grupo A – vive e trabalha na fazenda Rio das Pedras há quatro gerações e outro – grupo B – mudou-se para Barão Geraldo em busca de emprego na metade do século XX; neste último caso, as mulheres desta família atuam hoje como empregadas domésticas e os homens como prestadores de serviços manuais assumindo funções de pintor, pedreiro, segurança, etc. Já um terceiro grupo familiar – grupo C – é descendente de antigos fazendeiros de café da região campineira, no entanto, não pode ser considerado de alta renda, mas caracteriza-se como um grupo social tradicional da região, em descenso econômico: classe média intelectualizada que mantém ainda algumas propriedades na região oriundas do apogeu cafeeiro do início do século XX. Os dois grupos seguintes são claramente de classe média alta. O chefe de domicílio do primeiro – grupo D – pode ser caracterizado como o industrial de cidade grande que se estabeleceu na região devido ao crescimento da economia local, tendo constituído nela família e relações sociais. Por fim, o último grupo – grupo E – é formado por floricultores campineiros, originalmente de classe baixa, mas que alcançaram na terceira geração um alto padrão de vida a partir de investimentos imobiliários realizados no distrito desde 1947, quando adquiriram terrenos recém loteados expandindo seus negócios. Este grupo mantém seu estabelecimento comercial em Barão Geraldo, porém reside em Campinas e constituiu, predominantemente, vínculos comerciais com a região. Observemos, na tabela a seguir, como configuram-se, em termos de trabalho e nível educacional, as cinco famílias analisadas, lembrando que com isso pretendemos perceber o capital econômico e simbólico que cada família acumulou historicamente, a partir da sua origem social e do seu processo educacional.

TABELA 1: ESCOLARIZAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES ENTREVISTADOS

Percebe-se, a partir da tabela exposta, que no caso do grupo A e do grupo B, dentro das funções sociais específicas que cada grupo familiar assume,

	1a Geração	2a Geração	3a Geração
Grupo A	Gênero Masculino: Trabalha na Fazenda Rio das Pedras desde que seus pais migraram para o Brasil. Parou seus estudos na alfabetização.	Gênero Masculino: Trabalha como mecânico na Fazenda Rio das Pedras e tem até a quarta série do Ensino Fundamental.	Gênero Feminino: É estudante e frequenta a sexta série do Ensino Fundamental de uma escola pública de Barão Geraldo.
Grupo B	Gênero Feminino: Trabalha como empregada doméstica. Não completou o Ensino Fundamental.	Gênero Feminino: Trabalha como empregada doméstica e tem até a sexta série do Ensino Fundamental.	Gênero Masculino: É estudante e frequenta a oitava série do Ensino Fundamental de uma escola pública em Barão Geraldo.
Grupo C	Gênero Feminino: Sua renda provém de casas que aluga na região de Barão Geraldo e tem até o Magistério.	Gênero Feminino: Professora de Artes Plásticas e artesã; formada em Artes Plásticas pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) em Campinas.	Gênero Feminino: É estudante de Moda no SENAC em Campinas e pretende fazer um curso de Design na Faculdade de Artes Plásticas (FAAP) em São Paulo.
Grupo D	Gênero Feminino: Proprietário de estabelecimentos comerciais na região de Barão Geraldo. Terminou o Ensino Médio.	Gênero Feminino: Trabalha como psicóloga e estudou Psicologia na Pontifícia Universidade Católica (PUC) em Campinas. No entanto, a maior parte da renda provém do marido, que é proprietário de postos de gasolina.	Não havia, ao menos até o fim da pesquisa, uma terceira geração.
Grupo E	Gênero Masculino: Trabalha em Barão Geraldo na floricultura da qual é proprietário desde 1942. Concluiu até o terceiro ano do Ensino Médio e fez uma especialização em Contabilidade.	Gênero Masculino: Trabalha no estabelecimento comercial da família como administrador e paisagista e é formado em arquitetura pela Universidade de Taubaté (UNITAU).	Gênero Masculino: É estudante de Arquitetura e Urbanismo na Pontifícia Universidade Católica (PUC) em Campinas e eventualmente trabalha com o pai e o avô na floricultura família.

no primeiro caso ligado à terra e no segundo à prestação de serviços manuais, tem-se uma continuidade em termos de capital econômico e capital simbólico acumulados nas duas primeiras gerações e uma aposta na terceira geração para que esta, através da educação, obtenha ascensão econômica e social. No caso do grupo C, nota-se que o acúmulo de capital econômico e simbólico advindo de gerações mais antigas, quando esta família ainda dispunha de grande quantidade de recursos financeiros e prestígio social, acentua uma disposição, nas três gerações analisadas, para atividades profissionais menos lucrativas economicamente, porém mais lucrativas simbolicamente, vinculadas ao prestígio que atividades desinteressadas³, como as práticas artísticas, podem proporcionar. Já no caso do grupo D observamos uma continuidade em termos de capital econômico e de interesses profissionais que, no entanto, acompanha uma ascensão educacional na segunda geração. Finalmente, no grupo E percebemos um esforço, por parte de todas as gerações estudadas, para manter o capital econômico e simbólico adquirido na primeira geração com a criação do estabelecimento comercial na região de Barão Geraldo, porém observamos também que este esforço familiar vem acompanhado de um maior investimento no estudo, de modo que a segunda e a terceira geração, a partir de cursos universitários voltados ao comércio familiar, puderam valorizar os serviços que a floricultura oferece, que conta hoje com paisagistas e arquitetos.

Dada a análise acima, cabe percorrer os álbuns familiares de cada grupo estudado levando em conta, como fora estabelecido anteriormente, as similitudes e diferenças que os grupos sociais apresentam no seu repertório imagético e, claro, a maneira como estes grupos posicionam-se no espaço social em relação a outros grupos. De maneira geral, é possível apontar que, desde que a situação econômica permita, os rituais sociais, ou cerimônias sociais, aparecem como os principais momentos fotografados em todas as famílias, principalmente nas duas primeiras gerações, caracterizadas pelo uso da máquina fotográfica analógica. A fotografia aparece com a função de eternizar e solenizar os momentos vividos, ela materializa a imagem que o

³ Cf.: BOURDIEU, Pierre. “É possível um ato desinteressado”. In: *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.

grupo deseja apresentar de si próprio (Bourdieu, 1965). No entanto, ao entrarmos em contato com as terceiras gerações, percebemos a passagem do uso da câmera analógica para a câmera digital. A respeito desta mudança da técnica fotográfica é importante ressaltar três evidências gerais: primeiramente notou-se em todos os grupos analisados um significativo aumento do uso e acesso à câmera fotográfica quando esta assume a versão digital; esta mudança deve-se, sobretudo, às facilidades econômicas e técnicas trazidas pela nova tecnologia, ou seja, uma vez que o grupo familiar possua uma câmera digital e um computador – ambos encontrados em todos os grupos sociais, mesmo que em versões mais econômicas nos dois primeiros, que não muito utilizados no terceiro e que de última geração nos dois últimos – o custo da prática fotográfica diminui brutalmente, isso porque se exclui a necessidade de comprar filmes e revelar fotos. Observamos também nas entrevistas feitas com as classes populares que as facilidades de crédito no mercado foram frequentemente citadas como motivadoras e incentivadoras no momento de adquirir tais produtos que, junto com os celulares, são citados como os objetos tecnológicos mais almejados por tais grupos. Ademais, é relevante salientar que os grupos populares contam com um número maior de familiares habitando a mesma residência, de forma que estes contribuem para as despesas domésticas. Dessa maneira, podemos afirmar que o acesso a essas tecnologias, ao menos nos grupos estudados, não encontrou fortes barreiras econômicas.

Em seguida, observa-se que nas fotos digitais torna-se muito mais difícil encontrar imagens que reúnem toda a família – mesmo entendendo por família apenas os parentes de primeiro grau –, porém nas fotografias dos grupos populares esta mudança é menos acentuada. Esse dado levou-nos a cogitar duas hipóteses: a primeira é de que a integração familiar nestes grupos é mais forte, devido principalmente às condições de moradia anteriormente mencionadas, e a segunda seria de que estas famílias, que se encontram em situações menos favorecidas economicamente e culturalmente no espaço social analisado, não assimilaram até então a hiperprodução imagética e resguardam a maneira de produzir fotografias mais alinhada à tecnologia analógica. Assim, entendemos que não é a técnica que define a produção fotográfica, mas as relações e interações sociais historicamente construídas e estruturadas que inserem uma determinada maneira específica de relação com a fotografia.

Por fim, as novas tecnologias posicionam os mais jovens como produtores e responsáveis pela prática fotográfica. No entanto, a seleção final, ou seja, o ato de escolha do que vai ser visto e do que vai ser *deletado*, ato este relacionado diretamente com a classificação e seleção de qual imagem é mais representativa do grupo social em questão, cabe ainda às gerações mais velhas.

À parte desta análise mais geral, que diz respeito à passagem da técnica analógica para a técnica digital, devemos ater-nos com mais cautela a maneira como os grupos apresentam e representam-se nas imagens fotográficas familiares.

No grupo familiar A, originários de colonos, a primeira imagem que o patriarca da família apresentou-nos foi a de uma cédula de identidade na qual podíamos ver, ainda que com um pouco de dificuldade devido às marcas amareladas pelo tempo, uma fotografia 3x4. Em seguida, o grupo familiar apresentou-nos fotos que estavam guardadas em caixas de sapato e um quadro antigo da época em que as fotografias eram pintadas à mão. Percebemos que as imagens são, quase na sua totalidade, produzidas no interior da fazenda Rio das Pedras, neste caso, a centralidade da vida no campo não está apenas na casa, na maneira de falar e se vestir, mas também nas imagens que a máquina fotográfica flagra, testemunho da vida rural. As fotografias da família materializam a concepção que o grupo tem de si e do lugar ao qual ele pertence e, ao mesmo tempo, o demarca de outros grupos. Nota-se, pois, uma fronteira espacial e simbólica claramente construída entre aqueles colonos que vieram para Barão Geraldo no fim do sec. XIX trabalhar nos cafezais de grandes proprietários de terra e que compartilham, por isso, uma história de vida, *habitus* e laços sociais, e “os de fora” da fazenda que não pertencem ou participaram desta conjuntura histórica e econômica.

A quantidade ínfima de fotografias apresentadas pelo grupo familiar B está relacionada, ao menos nas duas primeiras gerações, à condição econômica na qual este se encontra. Na primeira geração, tal qual o grupo A, foram apresentadas apenas imagens 3x4 advindas de documentos de identidade; já nas gerações seguintes observamos um maior acesso às câmeras fotográficas, analógica num primeiro momento e digital posteriormente, cujo fotográfico refere-se à momentos de integração social como, por exemplo, um casamento, o nascimento de um filho, uma viagem entre amigos. Percebemos, através

dos registros imagéticos, tanto o baixo acúmulo de capital econômico, quanto a valorização dada à integração familiar tendo em vista que, em nenhuma fotografia exposta, foi observado um membro familiar sozinho⁴.

No grupo C, com exceção da terceira geração, não foi observado nenhum registro fotográfico, no entanto, ao contrário do grupo B, esta ausência é apontada menos como fruto de barreiras econômicas do que como uma escolha do grupo. Não se trata apenas da relação que o grupo C estabelece com a fotografia, mas com a postura que ele assume diante de todas as esferas da sua vida social, que aponta para certo desapego material e, por isso, é mais valorizada a criação, a resignificação dos objetos e do mundo à sua volta do que técnicas reprodutivas e de cópia, como é o caso da fotografia. Assim, mesmo não encontrando imagens fotográficas expostas, percebemos uma grande quantidade de obras de arte e artesanato espalhadas pelas casas das duas primeiras gerações, uma escolha que recusa a cópia ou a reprodução e afirma-se diante da criação. Não seria este um exemplo do caso citado por Bourdieu (Bourdieu, 1965: 74) em que membros das classes cultivadas tratam a prática fotográfica de maneira comedida, por ela estar mais associada aos grupos populares e por isso ser vista como vulgar – sobretudo em decorrência da sua divulgação. Em outras palavras, existe aqui uma maneira de distinguir-se pela simplicidade que não se assemelha, evidentemente, à mesma simplicidade dos grupos anteriormente citados, sobretudo porque, tanto o grupo A quanto o B, não compõem a ausência fotográfica como uma estratégia de distinção, mas como consequência da condição social a qual estão inseridos. O grupo C, portanto, distingue-se por uma simplicidade elaborada e refinada advinda da herança de gerações mais antigas que contavam com grande quantidade de capital econômico e simbólico. A terceira geração, no entanto, afastada deste passado abastado, depende mais atenção à máquina digital, porém não tem ainda o poder de seleção e de construção da auto-imagem do grupo, ou seja, não cabe à ela decidir o que será exposto.

⁴ Por “imagens expostas”, é importante ressaltar, compreendemos as imagens fotográficas dispostas na sala principal, em porta-retratos ou aquelas organizadas em álbuns de famílias, em outras palavras, demos prioridade às imagens que passaram por alguma forma de seleção pelos membros do próprio grupo social e que, pelo próprio lugar de prestígio que ocupam, mostram que foram escolhidas como mais representativas da auto-imagem do grupo.

Por outro lado, na família do grupo D, observou-se, em todas as gerações analisadas, uma supervalorização da fotografia que, além de sua numerosidade, encontram-se exibidas na maioria dos cômodos da casa, nos mais diversos objetos (além dos tradicionais porta-retratos e murais, também em guirlandas, almofadas, caixas de madeira, bolsas, etc). As imagens tratam tanto de cerimônias sociais quanto da vida cotidiana, são analógicas ou digitais e estão expostas de modo a apresentar e representar ostensivamente a família. Estas fotografias evidenciam o orgulho que o grupo social tem de si mesmo, de sua narrativa e de seus laços, *habitus* e práticas sociais e, ao mesmo tempo, estabelece uma fronteira em relação àqueles outros grupos que não compartilham da sua mesma posição social.

No último grupo estudado, o grupo E, observou-se que o lugar ocupado pela fotografia de família é extremamente contido, discreto e selecionado, assemelhando-se ao que seria considerado um santuário. As imagens são expostas fixadas em um mural ou em porta-retratos, encontram-se juntas à troféus, certificados e reportagens de jornal emoldurados, nelas observa-se apenas membros da família ou amigos mais próximos. É interessante notar que esse trato com a fotografia repete-se em todas as gerações, de maneira que podemos perceber e afirmar uma correspondência entre o esforço, por parte de todas as gerações, em manter o capital econômico e simbólico acumulado entorno do estabelecimento comercial familiar e a maneira que este grupo constrói e apresenta sua auto-imagem, como se dissesse que é por mérito, esforço, moderação e seriedade que ele conseguiu a posição social de prestígio na qual se encontra.

Podemos ainda elaborar uma última reflexão visando apontar as relações estabelecidas entre os grupos familiares mencionados acima. O grupo A, devido a sua característica rural acentuada e longa permanência na região teve, em alguns momentos da sua história, contato com o grupo C, de antigos proprietários de terra, pois este último, muito abastado na época, promovia festas juninas e natalinas para os filhos dos colonos da fazenda Rio das Pedras, nas quais ele distribuía presentes e guloseimas, inacessíveis economicamente para o grupo A. Além disso, a matriarca da família C relatou que ministrava aulas de alfabetização na sua própria casa para os filhos dos colonos e que estes, caso aprendessem corretamente o conteúdo ensinado, podiam desfrutar

de uma tarde na piscina da família. Ao analisar esta relação percebemos que não se trata, de forma alguma, de uma relação entre grupos que se vêem como iguais, ao contrário, apesar do passado rural em comum, as posições sociais e o peso destas posições – dominantes e dominados – está claramente marcada pelo grupo que promove as festas e detém o conhecimento para ministrar aulas e o outro, mais humilde, que aparece no papel de receptor e beneficiário.

Porém, estas vivências não foram registradas nas imagens fotográficas apresentadas por nenhum dos grupos, levando em conta que ambos não possuíam fotografias deste período, mas foram guardadas na memória e apresentadas nos relatos orais das primeiras gerações. Ao considerar a prática fotográfica no caso do grupo A, que passou a produzir fotografias e ter acesso ao aparelho fotográfico apenas na segunda geração, e no caso do grupo C, que tem o interesse pela fotografia despertado apenas na terceira geração, pudemos concluir que em algum momento da história de ambos, grupo A e C, houve um movimento de afastamento, já que as gerações mais novas não possuem nenhum contato entre elas. Notamos que este afastamento deu-se, acima de tudo, após o declínio econômico da família C, concomitante ao desenvolvimento da região baronense – que conforme apresentado acima, passou de uma economia rural para uma economia urbana voltada a Universidade Estadual de Campinas e ao comércio. O conjunto destes dois fatores contribuiu para o isolamento da família A, já que o grupo C era sua principal ligação com o lado de fora da fazenda e o domínio da economia urbana colocou estes colonos numa situação social delicada, já que não possuíam mais lugar onde pudessem construir laços sociais para além das fronteiras da fazenda Rio das Pedras.

Os membros do grupo familiar B, conforme mencionado, assumem as funções de prestadores de serviços – empregadas domésticas, pedreiros, pintores e seguranças – e estabelecem com os grupos mais abastados da região – no caso analisado, os grupos D e E – uma relação de interdependência. No entanto, tal relação não implica que estes grupos vejam-se como iguais, ao contrário. Da mesma maneira que ocorre com as primeiras gerações dos grupos A e C, os grupos D e E estabelecem com relação ao grupo B uma clara fronteira devido à sua posição social economicamente favorável e mais

prestigiosa. Porém, estes dois últimos grupos, D e E, estabelecem entre eles pontes, já que mesmo não se reconhecendo em função da mesma origem social eles se vêem como iguais, pois pertencentes à mesma posição de domínio econômico e de prestígio na esfera social analisada.

Observamos, deste modo, em consonância com o que Bourdieu afirma em *Un Art Moyen* (1965), que as fotografias acompanham as principais cerimônias da vida coletiva e devem ser vistas como sociogramas que tem, por um lado, a finalidade de reafirmar a unidade do seu grupo social, testemunhando sua posição no mundo, e, por outro, estabelecer fronteiras diante daqueles considerados outros grupos sociais. Este processo de materialização das relações sociais, a partir do qual é possível observar os processos valorativos dos grupos sociais e seu percurso no espaço social efetiva-se como um relevante objeto para a sociologia contemporânea que aliado aos relatos orais e a entrevistas semi-estruturadas, constitui novas ferramentas para a prática sociológica;

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia de família, como instrumento de análise sociológica no caso apresentado, é um relevante instrumento para percepção das diferentes elaborações de visão de mundo em cada uma dos grupos estudados, uma ferramenta que torna visível a história de cada família e as fronteiras sociais e simbólicas existente entre elas. Podemos, observar que as fotografias das famílias assumem função específica de demarcação e, simultaneamente, afirmação da sua auto-imagem

Desta forma, a partir dos dados expostos, pode-se estabelecer os seguintes resultados: (i) o distrito de Barão Geraldo apresenta grupos sociais diversos que não necessariamente estabelecem laços sociais entre si, mas pequenas relações de interdependência nas quais se observa a construção de fronteiras materiais e simbólicas e que tais fronteiras, com o desenvolvimento econômico da região, tenderam a fortalecerem-se; (ii) as fotos de família são tanto reveladoras das relações sociais e do percurso histórico e econômico que cada grupo familiar constrói ao longo de três gerações, quanto das práticas

e *habitus* através dos quais afirmam uma posição no espaço social e (iii) as fotografias digitais, bem como a superprodução imagética que elas possibilitam, não eliminam o critério da seleção e classificação na elaboração e construção da auto-imagem, mas deslocam a sacralidade do fotografável, que passa do momento fotográfico – quase ilimitado devido as possibilidades técnicas – para o momento da escolha da imagem já fotografada destinada a um álbum, um porta retrato ou até mesmo, um site de relacionamentos na internet.

A relevância de amplitude teórica do terceiro resultado mostra-nos que há uma disjunção da identidade unívoca entre o ato fotográfico e seletivo, ou seja, o que era um só ato – selecionar igual a fotografar - agora, através da câmera digital, são dois atos distintos e cuja importância determinante da escolha não coincide mais com o ato do fotografar, mas sim com a seleção da imagem, conservando ainda o papel da seleção às primeiras gerações.

BIBLIOGRAFIA

- BOURDIEU, Pierre (1965). *Un art moyen: essai sur les usages sociaux de la photographie*. Paris : Minuit.
- _____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papius, 1996.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- _____. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2008.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- ELIAS, Norbert. *Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- ELIAS, Norbert & Scotson, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- RIBEIRO, Rita. *Barão Geraldo - História e Evolução*. Campinas: Editora do Autor, 2003.